
**A AFIRMAÇÃO DA INTELIGÊNCIA FEMININA COMO REQUISITO
IMPRESCINDÍVEL DA DIGNIDADE HUMANA**

**THE AFFIRMATION OF FEMALE INTELLIGENCE AS AN IMPRESSIVE
REQUIREMENT OF HUMAN DIGNITY**

Maria Cristinne Pereira Seixas¹ Maria das Graças Leopardi Gonçalves²
Jenner Barretto Bastos Filho³

RESUMO: Analisamos o tema da afirmação legítima da inteligência feminina enquanto requisito imprescindível da dignidade humana. Quatro contextos são panoramicamente considerados: 1) o assassinato da filósofa e matemática Hipácia ocorrido na segunda década do século V; 2) os pareceres de um escritor brasileiro sobre duas escritoras feministas da primeira metade do século XX; 3) aspectos da carreira acadêmica de uma filósofa brasileira na segunda metade do século XX; 4) obstáculos enfrentados por uma brilhante cientista na primeira metade do século XX. Ressaltamos suas diferenças bem como suas identidades. Para se ter um quadro abrangente do problema, devem ser enfatizados tanto a excelência intelectual feminina quanto os obstáculos a serem superados para sua afirmação.

Palavras-chave: Afirmação da inteligência feminina; protagonismo feminino; dignidade humana

ABSTRACT: We analyzed the theme of the legitimate affirmation of female intelligence as an essential requirement of human dignity. Four contexts are panoramically considered. 1) the murder of the philosopher and mathematician Hypatia in the second decade of the fifth century; 2) the opinions of a male Brazilian writer on two feminist writers from the first half of the 20th century; 3) aspects of the academic career of a Brazilian philosopher in the second half of the 20th century; 4) Obstacles faced by a brilliant woman scientist in the first half of the 20th century. We show their differences as well as their identities. In order to provide a comprehensive picture of the problem, both, the female intellectual excellence as well as the obstacles to be overcoming for their affirmation, must be emphasized.

Keywords: Affirmation of female intelligence; female intellectual activity; human dignity.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo temos o propósito precípua de conjecturar sobre caminhos adequados e pertinentes a fim de asseverar a importância do papel fundamental que deve ser desempenhado pela afirmação da inteligência feminina como requisito imprescindível para a constituição de uma sociedade na qual a dignidade humana e a democracia sejam genuinamente vividas e contempladas.

Em tempos mais recentes, muitas são as instâncias em que o necessário combate ao preconceito vem se manifestando não apenas com relação à contumaz depreciação da inteligência feminina, como também mais amplamente com relação ao exercício pleno de sua

¹ Universidade Federal do Alagoas – UFAL. mariacristinne@hotmail.com

² Universidade Federal do Alagoas – UFAL. leopardi@icf.ufal.br

³ Universidade Federal do Alagoas – UFAL. jenner@fis.ufal.br

cidadania, de seus direitos humanos e de sua voz. Exemplo emblemático de combate à violência tanto simbólica quanto efetivamente concreta é a assim chamada *Lei Maria da Penha*⁴ bem como a tipificação do crime de *feminicídio* a fim de enfatizar o combate dessa indignidade nos casos mais graves dessa hedionda violência.

Na cena política recente, muitas tentativas de mitigação dessa assimetria entre homens e mulheres vem sendo feitas mediante lei; tais tentativas, sejam elas sinceras ou não, vem sendo de uma maneira ou de outra implantadas como, por exemplo, a do estabelecimento de um piso de 30% de candidaturas de mulheres aos postos de representação popular. Contudo, muitas burlas desse preenchimento mínimo de candidaturas femininas vem sendo praticadas tais como a de "reservar" apenas de maneira pro forma esse percentual mínimo para depois distribuí-lo entre as candidaturas masculinas com o argumento de que isso havia se tornado necessário em função da inexistência e/ou do não preenchimento dessas candidaturas femininas. A lei vem sendo aperfeiçoada recorrentemente devido aos artifícios de burla praticados invariavelmente em prol de candidaturas masculinas e, ainda com maior razão, com relação à distribuição das dotações financeiras para as respectivas campanhas eleitorais que continuam assimétricas.

No caso da participação feminina na ciência, um olhar meramente retrospectivo já é suficiente para mostrar que estigmas perversos como aqueles representados por expressões como "*mulher não dá para ciência*", "*mulheres não tem pensamento científico*" e outras do gênero, não podem se sustentar diante da mais elementar evidência.

Como um dos nossos objetivos precípuos desta nossa pesquisa é o de centrar a nossa atenção na questão da *Mulher na Ciência*, bem como de qual maneira a questão é refletida no plano pedagógico e, mais geralmente no plano educacional, então propusemo-nos, em trabalho pregresso, (ver PEREIRA SEIXAS, 2018) a desenvolver um estudo a fim de responder à pergunta assim formulada e que constituiu o nosso objetivo central: *os livros didáticos de Física adotados pelas escolas públicas de Ensino Médio contemplam de forma legítima o papel desempenhado pelas mulheres na construção do conhecimento científico?*

No trabalho pregresso aqui referido elegemos como objetivos específicos os três seguintes:

1) Analisar se os livros didáticos de Física utilizam a história da ciência para contextualizar as principais descobertas científicas;

⁴ No corpo das referências apresentamos links que remetem para a lei original e para a sua atualização.

2) Analisar a presença de relatos sobre as contribuições das mulheres para as ciências exatas (Física) e, no que diz respeito a essas contribuições, se houve, de fato, um aumento significativamente perceptível desses relatos ao longo da última década;

3) Analisar a veracidade e a fidelidade da história dessas cientistas quando os livros trazem seus relatos.

Os resultados obtidos na pesquisa anterior (ver PEREIRA SEIXAS, 2018) são enfáticos em pôr em evidência que embora os livros didáticos analisados declararem incluir considerações da História da Ciência, enquanto conteúdos, e que alguns deles se refiram a algumas cientistas, na verdade, podemos asseverar que *não houve evolução relevante quanto à abordagem das contribuições das mulheres na ciência*.

Pereira Seixas então conclui muito assertivamente:

Portanto, levando em conta que os objetivos específicos foram analisados e tivemos a resposta, obtemos assim a resposta do objetivo geral do trabalho que foi de analisar se “Os livros didáticos de Física contemplam o papel das mulheres na ciência?”, e com os resultados obtidos podemos ver que os livros não contemplam a real contribuição das cientistas (PEREIRA SEIXAS, 2018, p. 40).

Deste modo, pesquisas posteriores foram necessárias para que avançássemos no tema Mulheres na Ciência e mais, geralmente, na comparação de Mulheres abraçando carreiras acadêmicas, sejam elas científicas ou não. Argumentamos que tal escolha metodológica nos provê de elementos adicionais a fim de que venhamos a tornar o nosso estudo mais abrangente e mais próximo da busca de causas possíveis para o fenômeno da misoginia.

Passemos agora a falar sobre o objetivo geral e os objetivos específicos deste novo trabalho que constituiu objeto de nossas considerações.

O objetivo geral deste presente trabalho é o de combater o preconceito constituído pelo mito segundo o qual a mulher não teria vocação científica. Devemos nos munir de referenciais teóricos que nos permitam avançar nos nossos resultados.

Trata-se de um mito que obstaculiza potencialidades humanas e desta maneira o seu combate revela-se de importância decisiva no contexto da educação científica.

No curso do presente trabalho, dialogaremos à luz de referenciais teóricos previamente escolhidos, relatos de autores/autoras, principalmente daqueles/daquelas que aqui lançamos mão em nossa análise e cujos nomes constam em nossa lista de referências deste trabalho. Exploraremos tais relatos e mediante análise nossa desenvolveremos o presente trabalho

Para tal, traremos à baila, aqui no nosso trabalho, exemplos emblemáticos de mulheres de cujos excepcionais brilhantismos se constituem em contundentes contraexemplos desse

preconceito caracterizado pela contumaz, recorrente e perversa desqualificação da inteligência feminina para o exercício do pensamento, seja qual área for.

O presente trabalho se encontra organizado como segue: na **seção 2** intitulada *Hipácia: a paidéia e a parrésia gregas* estudamos, inspirados a partir do trabalho de Silvia Ronchey, as categorias conceituais gregas de paidéia e parrésia no contexto do hediondo crime cometido contra a emblemática astrônoma e matemática Hipácia⁵ que pode ser considerado, à luz da hodierna legislação brasileira como crime hediondo tipificado como feminicídio. Na **seção 3**, intitulada *Racismo institucional e misoginia em tempos da República Velha: Lima Barreto, Gilka Machado e Albertina Berta*, analisamos os pareceres de um grande escritor negro⁶ brasileiro acerca do trabalho literário de duas feministas da primeira metade do século XX quais sejam Gilka Machado e Albertina severos e intransponíveis Berta. Podemos inferir daí um confronto interessante de dois tipos de preconceitos: um de natureza racial e outra de natureza de gênero. Na **seção 4**, intitulada *Breves aspectos sobre a carreira universitária de uma filósofa no Brasil*, desenvolveremos uma análise dos percalços relatados por uma filósofa brasileira bem sucedida que não obstante não tenham se constituído em obstáculos para as suas afirmações, intelectual e política, não deixam de revelar persistentes estigmas proferidos contra a condição feminina. Na **seção 5** intitulada *Da misoginia sofrida por Emmy Nöther à misoginia em relação à comunidade de mulheres cientistas no Brasil*, fazemos um paralelo baseados em artigo de Areas et al. sobre as duas situações, explicitando as suas diferenças ao ressaltar o pano de fundo comum que existe entre essas situações a despeito de suas diferenças.

2. HIPÁCIA⁷: A PAIDEIA E A PARRÉSIA GREGAS

Começamos por Hipácia (c. 351/370 - 415). O exemplo de Hipácia, uma destacada cientista e filósofa brutalmente assassinada no começo do século V, é especialmente importante por diversas razões as quais convém que sejam exploradas no curso do presente trabalho.

Três dessas razões podem ser:

- (1) Hipácia, de formação helênica e pagã, imbuída tanto da *paideia*⁸ quanto da *parrhesia*⁹ · ¹⁰ gregas, praticava naturalmente a sua afirmação intelectual com a

⁵ A propósito, desenvolvemos o tema também em um artigo no qual adicionamos, no contexto de nossa análise interpretativa, mais duas categorias conceituais gregas. Além da Paideia e da parrésia, adicionamos a *hybris* e a *pleonexia* (ver referência completa no corpo da lista bibliográfica).

⁶ Adotamos aqui a tendência hodierna que consiste em denotar por negro pessoas afrodescendentes; neste sentido, escritores como Machado de Assis e Lima Barreto são considerados como escritores negros.

⁷ Pode-se optar em português pela grafia *Hipácia*, ou alternativamente, pela grafia *Hipátia* de inspiração latina no qual a letra “t” entre duas vogais tem o som de “c”. Optamos pela grafia *Hipácia* em analogia com a opção de Silvia Ronchey que no seu livro em italiano optou por *Ipazia*.

⁸ Es imposible rehuir el empleo de expresiones modernas como civilización, cultura, tradición, literatura o educación. Pero ninguna de ellas coincide realmente con lo que los griegos entendían por paideia. Cada

suficiente altivez e natural franqueza de espírito em prol do amor à verdade e isso poderia se constituir em ameaça a poderosos e hegemônicos que queriam a submissão de todos os demais (ver Ronchey, p. 29, 2010).

- (2) O fato de Hipácia ter sido uma influente intelectual nas áreas de matemática e filosofia despertou muita inveja em um ambiente marcado por agudas disputas culturais.
- (3) Uma mulher admirada por ter aliado grande beleza e especial brilhantismo constitui em algo que merece tratamento contextual.

Vamos tratar essas razões como articuladas e interdependentes. Situar o contexto histórico aqui é de crucial importância. No começo do século V a cidade de Alexandria, situada no Egito, possuía pelo menos três comunidades de diferentes lavras culturais e a tensão acarretada pelas disputas hegemônicas entre elas não é algo de desprezível importância para a nossa análise. Essas comunidades eram respectivamente a cristã que por meio do patriarca Cirilo procurava com especial ênfase a hegemonia da cultura cristã que valorizava em primeiríssimo lugar a salvação da alma em detrimento dos valores cognitivos da cultura grega pagã. Além disso havia uma comunidade hebreia (judia) numerosa. Cirilo, segundo o que relata Bertrand Russell (ver RUSSELL, 1993), incitou ao *pogrom*¹¹ contra a comunidade alexandrina de judeus.

A disputa hegemônica dos cristãos contra a cultura helênica de radioso refinamento em um ambiente de carolice não podia se manifestar com mais sentimento de inveja profunda quanto ao hediondo assassinato de uma bela mulher que representava - no mais alto grau - o brilhantismo dos helênicos (ver James Jeans, 1953).

É interessante que aqui no nosso trabalho nos atenhamos panoramicamente a alguns contextos sociais, históricos e culturais e, não obstante a nossa extração de exemplos de várias épocas, procuremos algumas identidades, mas sem nos deixar sucumbir a anacronismos ingênuos. Sempre que possível, deveremos estar atentos aos pecados de anacronismo, sejam eles conscientes ou inconscientes. Em outras palavras, deveremos ficar atentos à comparação de

uno de estos términos se reduce a expresar un aspecto de aquel concepto general, y para abarcar el campo de conjunto del concepto griego sería necesario emplearlos todos a la vez (JAEGGER, p. 2, 1957).

⁹ Aquele que usa a parrhesia, o parrhesiastes, é alguém que diz tudo o que tem em mente: ele não esconde nada, mas abre seu coração e sua mente completamente para outras pessoas através de seu discurso (FOULCAULT, 2013)

¹⁰ Usaremos, doravante, a grafia *parrésia* consagrada no dicionário de Houaiss da língua portuguesa.

¹¹ Termo mais frequentemente atribuído para designar perseguições étnicas incentivadas ou permitidas pelas autoridades constituídas quer seja implicitamente ou não.

exemplos de épocas distintas sem a devida atenção às suas diferenças essenciais e irredutíveis, mas sempre procurando identidades que, em princípio, poderiam ser concebidas como constituídas de um núcleo duro comum em todas as épocas.

Também, como adoção que a um só tempo tanto é metodológica quanto epistemológica, procuraremos exemplos tanto das realidades brasileira e latino-americana quanto de outras realidades como a europeia, a norte-americana, entre outras.

Sem nos desviar de nosso objetivo geral deste estudo que é o de combatermos o preconceito constituído pelo mito segundo o qual a mulher não tem vocação científica deveremos, e sem que isso se constitua em digressão e sim em enriquecimento contextual, nos ater a um exemplo brasileiro que pode nos ajudar a compreender de maneira mais abrangente o preconceito contra as mulheres.

Para tal, tomemos preliminarmente alguns aspectos que podemos depreender acerca do preconceito contra as mulheres também no contexto do racismo institucional em tempos da República Velha no Brasil.

3. RACISMO INSTITUCIONAL E MISOGINIA EM TEMPOS DA REPÚBLICA VELHA: LIMA BARRETO, GILKA MACHADO E ALBERTINA BERTA

O grande escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), filho de um pai tipógrafo e de uma mãe professora, ambos negros¹², teve uma vida de muita luta para afirmar a importância da difícil e complexa inserção de afrodescendentes no seio da sociedade brasileira de então, luta essa que ainda se mantém nos dias de hoje como viva prioridade, se bem que novos e importantes elementos devem ser necessariamente trazidos à baila para uma análise mais apurada (ver Resende, 2017)

Exatamente aos sete anos de idade Lima Barreto assistiu à Abolição da Escravatura. Lima Barreto tinha como padrinho um homem influente que era o visconde de Ouro Preto, senador do Império. Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, como podemos facilmente inferir, Lima Barreto não pôde gozar da proteção do visconde, seu padrinho. Sua obra literária pode ser considerada como dotada de uma espécie de obsessão contra o racismo e voltada para uma análise literária da inserção de negros durante os dias difíceis de uma das fases da República Velha.

O foco que elegemos aqui nas nossas considerações é o da discussão acerca do papel da mulher na sociedade de então o qual, embora não seja diretamente ligado ao papel feminino na

¹² No sentido emprestado em uma nota de rodapé precedente.

ciência, certamente não deixa de estar correlacionado, no sentido lato, com o tema da afirmação da inteligência feminina.

Lima Barreto trocou correspondência com as escritoras feministas Gilka Machado e Albertina Berta e uma breve análise dessa correspondência talvez seja de ajuda para o problema por nós escolhido sobre a necessidade de afirmação da inteligência feminina e, por extensão, da importância dos direitos da mulher. Valeremos da ajuda de duas intelectuais que se debruçaram com denodo e especial perspicácia sobre a obra de Lima Barreto: Lilia Moritz Schwarcz e Beatriz Resende.

Em seu primoroso prefácio, Schwarcz escreve:

Lima ainda se opunha, como vimos, às jovens feministas como Albertina Berta e Gilka Machado. Entendia o movimento como mais um fenômeno importado do ambiente intelectual europeu, e, portanto, distantes da realidade das trabalhadoras brasileiras. [...] Neste caso errou em cheio em suas projeções, uma vez que hoje sabemos da relevância do movimento social e de sua atuação na luta pelos direitos num país tão marcado pelo machismo institucional. (SCHWARCZ, In: RESENDE, 2017, p. 21)

De fato, ao receber o livro *Exaltação* de Albertina Berta e após agradecer a gentil expedição de um exemplar do mesmo dirigido a ele, Lima Barreto escreve em uma carta datada de 31 de dezembro de 1916, em resposta a Albertina Berta:

O seu livro é bem um poema em prosa, e um poema de mulher, de senhora, pouco conhecedora da vida total, dos altos e baixos dela, da variedade de suas dores e das suas injustiças. Vivendo à parte, em um mundo muito restrito, a senhora, muito naturalmente, não podia conhecer senão uma espécie de dor, a dor de amar; e, dessa mesma, a senhora faz dela uma Exaltação (LIMA BARRETO, In: RESENDE, 2017, p. 114)

Beatriz Resende, em sua introdução ao livro aqui referido, comenta que em relação à poeta Gilka Machado, que também expediu para Lima Barreto o seu livro *Cristais partidos*, o escritor foi mais simpático “mais por não ser branca do que por ser mulher” (RESENDE, 2017, p. 32). Infere-se naturalmente daí que Lima Barreto considerava a luta contra o racismo como mais relevante do que a luta contra a opressão contra as mulheres sendo que esta última deveria ser encarada, conforme o seu parecer, assim podemos legitimamente conjecturar, como um dos aspectos da primeira.

Em carta não datada a Gilka Machado, Lima Barreto escreveu:

Li, minha senhora, o seu livro todo. Queria-a mais parecida com o meu Francis Jammes. O seu temperamento, porém, é inteiramente outro; e, foi por compreendê-lo bem, que admirei muito de sua inspiração, a sua completa independência de moldes, dos velhos “cânons”, e a sua audácia verdadeiramente feminina (MACHADO: In RESENDE, 2017, p. 106)

É necessário mais uma vez levar em conta o contexto social e político da época, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Uma época que compreende um pouco antes, durante e após o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Um escritor atormentado pela não inclusão social de negros, uma sociedade preconceituosa, em uma República Velha racista, machista, periférica e necessitada de valorização no contexto das grandes nações. Muito provavelmente, os seus internamentos em hospícios e seu alcoolismo sejam uma expressão das agruras desse homem focado na análise do exacerbado patriotismo de seu personagem, o major Policarpo Quaresma, carente da afirmação do valor de seu país, e nas agruras da vida e do preconceito que oprimiam a garota de subúrbio retratada no personagem *Clara dos Anjos*.

À essa época eram poucas as atividades científicas no Brasil, sendo as poucas existentes principalmente aquelas no campo das ciências da saúde e das ciências biológicas. Demandar-se-iam mais alguns anos para a criação das universidades, sendo a primeira e mais relevante experiência introdutória deste marcante feito de nossa cultura, a Universidade de São Paulo, criada em 1934. Em que pese o fato de que não havia praticamente nessa época nem homens nem mulheres cientistas, salvo raras e honrosas exceções, isto por si só, não desautoriza o pano de fundo traçado aqui dos ecos dos movimentos femininos europeus pois o nosso foco preciso é o da afirmação do valor da inteligência feminina e situá-lo também no campo da literatura e dos direitos humanos é evidentemente um assunto correlacionado com a afirmação da mulher no campo da ciências, razão pela qual consideramos uma análise do gênero bastante pertinente para a nossa contextualização da luta em prol do protagonismo que consubstancia o exercício da autonomia feminina.

4. BREVES ASPECTOS SOBRE A CARREIRA UNIVERSITÁRIA DE UMA FILÓSOFA NO BRASIL

Vejamos o caso de uma filósofa e professora universitária brasileira bastante conceituada que recebeu em 2003 o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Paris VIII. Trazemos à baila uma parte de uma entrevista que consideramos bastante apropriada para os propósitos de nosso trabalho (ver CHAÚÍ, 2018).

Detenhamo-nos em uma entrevista realizada por Rodolfo Vianna. O entrevistador Rodolfo Vianna pergunta:

Sobre a filosofia em geral, qual era a visão da estudante Marilena e da atual doutora? Imagino que se hoje há espécie de incompreensão sobre a escolha de estudantes por parte da sociedade e da família, imagino para a senhora, que ingressou em 1959...Houve ainda algum agravante por ser mulher? (CHAÚÍ, 2018, p. 41)

Marilena Chauí responde:

[...] Do ponto de vista do gênero, o fato de ser mulher não atrapalhou em nada. Isso não quer dizer, entretanto, que o velho Departamento de Filosofia não fosse machista (CHAUI, 2018, p. 41)

Ela prossegue o seu relato:

Eu vou lhe dar três pequenos exemplos, um deles, eu como estudante, e dois, eu já como professora. Quando era aluna, as classes eram pequenas (oito, dez alunos). Eu estava no primeiro ano quando cursei a disciplina de lógica e filosofia das ciências, que era ministrada pelo professor José Arthur Giannotti. No primeiro dia de aula, ele entrou e viu que era uma classe em que havia oito mulheres e um rapaz. Ele entrou, sentou, olhou para nós e disse: “Mas o que as violetinhas estão fazendo aqui? Marido é no curso de letras”. Foi assim que fomos recebidas. O fato de termos feito vestibular, sido aprovadas, fazermos o curso não significava que, do ponto de vista de vários professores, e até mesmo de colegas, não fôssemos quase uma anomalia (CHAUI, 2018, p. 41-42)

Na citação acima, Marilena Chauí se referiu ao primeiro caso. Ela prossegue narrando os outros dois casos; vejamos a sua narrativa do segundo:

Bom, depois eu me tornei professora do Departamento, e na ocasião eu estava grávida da minha segunda filha. Houve a festa de aposentadoria de João Cruz Costa. E o professor Cruz Costa veio até mim, bateu na minha barriga e disse: “Dona Chauí, a senhora é tão bonita, mas com essa barriguinha a senhora acha que dá para ser professora de filosofia?” (CHAUI, 2018, p.42)

Ela passa a proceder a sua narrativa do terceiro episódio:

E a terceira experiência foi novamente com o professor José Arthur Giannotti. Nessa mesma ocasião, ele me disse: “Você pretende ser uma intelectual?”. Na época a palavra intelectual quase não era usada, eu não fazia ideia do que era ser uma intelectual. Eu fiquei meio desenhada, e disse que achava que sim. “Então você precisa parar de parir filho” (CHAUI, 2018, p.42)

Perguntaríamos a propósito: Que lições podemos tirar dos três episódios narrados pela professora Marilena Chauí? Uma simples olhada ainda que panorâmica dos três casos por ela narrados podem nos informar sobre muita coisa e um bom e não tão difícil exercício hermenêutico se apresenta para nós.

Vejamos como.

Ora, um professor que se espanta diante de uma sala de aula predominantemente feminina (oito mulheres e apenas um homem) pode ter se surpreendido diante de um estigma que talvez pairasse sobre a sua cabeça como uma espada de Dâmocles e reagido como quem quer dizer, com quase todas as letras, que filosofia não é diletantismo para as mulheres em busca de marido. Além do mais, por que o curso de letras seria mais adequado que o de filosofia para a procura de maridos? Seria o curso de filosofia algo que puxasse mais pela cabeça do que o de letras e assim o curso de letras seria uma melhor opção para as violetinhas? Prováveis

maridos procurariam bem mais por violetinhas bonitas e charmosas do que por filósofas austeras?

Certamente há uma carga de preconceito bastante evidente que pode ser facilmente depreendida do primeiro episódio, mas o segundo episódio somente faz corroborar a nossa interpretação. Vejamos como.

Quando o professor Cruz Costa declara admiração pela sua então jovem colega e a elogia pela exuberante beleza enquanto mulher grávida e, além disso, a questiona se aquela barriguinha seria compatível com o mister de uma professora de filosofia a pleno título, o que ele quis passar? Será que a gravidez atrapalha o exercício da faculdade racional exigido para alguém que queira se dedicar à filosofia e a seu magistério?

Interessante é que o terceiro episódio narrado por Marilena Chauí vai exatamente na mesma direção e corrobora a mesma tecla de um questionamento infundado sobre as potencialidades intelectuais da mulher em confronto comparativo com as correspondentes potencialidades masculinas. Quando Giannotti argumenta que para ser intelectual a pleno título Marilena deveria parar de ser uma mulher parideira, ele coloca a questão de uma suposta incompatibilidade entre o exercício da intelectualidade e a prerrogativa exclusivamente feminina de parir. A rigor, uma suposta incompatibilidade não existe e certamente ter filhos não estraga o cérebro. Poder-se-ia amenizar os argumentos de Giannotti ao dizer que há um imenso trabalho em se dedicar à criação de filhos e que o preparo de um(a) professor/professora de filosofia demanda também muito tempo e que assim não haveria tanto tempo disponível para que tais intelectuais viessem a se dedicar a contento à criação de filhos. Certamente, não se trata de qualquer incompatibilidade de princípio pois em qualquer agrupamento social em que rege uma distribuição de trabalho justa, uma tal compatibilidade é sempre possível de ser alcançada.

Tragamos agora à baila alguns aspectos da misoginia sofrida pela grande física e matemática Emmy Nöther na Alemanha das primeiras décadas do século XX e a misoginia sofrida pela comunidade de mulheres cientistas durante a segunda metade do século XX e as primeiras décadas do século XXI no Brasil.

5. DA MISOGINIA SOFRIDA POR EMMY NÖTHER À MISOGINIA EM RELAÇÃO À COMUNIDADE DE MULHERES CIENTISTAS NO BRASIL

Em 2015 foi publicado um importante livro contendo capítulos muito expressivos sobre as mulheres na ciência, especialmente na Física intitulado *Mulheres na Física* (ver BAGGIO SAITOVITCH et al., 2015). Entre os capítulos que compõe o livro há um deles que se dedica a Emmy Nöther (ver RIBEIRO FILHO, 2015, p. 31). Alguns anos após, em 2019, foi publicado

um artigo dedicado aos 100 anos dos famosos e importantíssimos teoremas de Emmy Nöther relacionando simetrias matemáticas às leis de conservação (ver, AREAS, BARBOSA, SANTANA, 2019).

Da leitura do artigo de Areas et al. podemos constatar dois momentos em relação aos pareceres de vacas sagradas de Göttingen, a exemplo de Hilbert, que- em um primeiro momento- houvera se manifestado preocupado quando da aceitação de Emmy Nöther ao dizer que Göttinger era uma universidade e não uma sala de banhos, e, -em um segundo momento posterior- o mesmo Hilbert tenha manifestado temor, em carta ao governo alemão, ao argumentar que por Emmy não perceber salário poderia ir para outra universidade.

A comparação entre os dois momentos nos parece significativa pois uma interpretação possível é que não era o mérito de Emmy, no estrito sentido do termo, que era objeto de discussão e sim a sua condição feminina irremediavelmente não superável, exatamente pelo fato de ser mulher. Ora, ela era aclamada e nenhuma daquelas vacas sagradas de Göttingen lançava qualquer dúvida sobre a sua excelência científica no sentido estrito do termo e sim sobre o seu sexo a ponto de naturalizarem o fato de que por ser mulher, então não deveria receber salário.

Klein apresenta com gosto o trabalho de Emmy e Hilbert não quer perdê-la simplesmente pelo fato de que outra universidade poderia lhe oferecer vantagem comparativa ao lhe oferecer proventos compatíveis com o seu grau de excelência acadêmica.

O fato de que ser excelente academicamente seja independente da condição meramente biológica de ser homem ou mulher, muda bastante o foco da discussão e revela que a condição feminina não é necessariamente fonte de falta de aptidão para a atividade científica.

Deste modo, a discussão terá de ser colocada em termos mais abrangentes, principalmente se quisermos nos debruçar sobre causas, e muito provavelmente há uma multiplicidade de causas da misoginia cultural e historicamente constituída.

6. DISCUSSÃO INTEGRADORA

O que haveria de comum nos casos trazidos à baila nas seções precedentes deste trabalho?

Estamos cômicos de que comparar situações diversas em épocas muito diferentes constitui-se em algo perigoso na medida em que podemos nos deparar com o anacronismo de conceitos entre outras dificuldades. No entanto, é sempre possível, guardadas as devidas proporções, enxergar paralelos em várias dessas épocas distintas e, por conseguinte, também explorar algumas identidades que porventura possam existir entre tais casos.

Será que já nos encontramos em condições de pesquisar sobre quais são as causas da misoginia histórica e culturalmente construída com apenas tão poucos exemplos e, ainda assim, escolhidos tão arbitrariamente em épocas e contextos tão distintos?

Entretanto, independente da resposta que se dê, nada nos impede de conjecturar e de fazer sucessivas revisões acerca daquilo que viermos a conjecturar.

Se viermos a eleger, como orientador de nossa análise, o referencial de lavra marxista segundo o qual *a história é precipuamente a história da luta de classes*, então haveremos de convir que a despeito da sua enorme pertinência, o sofrimento de uma mulher de uma classe oprimida, muito provavelmente, apresenta-se como notavelmente maior que o correspondente sofrimento de uma mulher da classe dominante, embora ambas possam se sentir oprimidas quanto aos seus anseios, potencialidades e sonhos. Assim pensando, haveria algo a mais do que simplesmente uma luta de classes ou, pelo menos, a questão da afirmação feminina enquanto sujeito deva ser compreendida em termos mais amplos e sutis.

Também se viermos a considerar a assim chamada *necessidade histórica da divisão social do trabalho* bem como da *necessária organização estrutural de uma sociedade*, então a simples constatação de que pela condição biológica das mulheres parirem, amamentarem e cuidarem de seus rebentos em tenra idade tudo isso, por si só não necessariamente implicaria que elas, em linha de princípio, deveriam renunciar a quaisquer outras formas de se afirmar enquanto sujeitos criativos e aptos para outras atividades tais como aquelas destinadas aos homens. Logo, a divisão social do trabalho, se bem que pertinente em larga medida, não se constitui em explicação exaustiva do fenômeno da misoginia histórica e cultural, e, em virtude disso, teremos que procurar por explicações ainda mais abrangentes e sutis, ou pelo menos complementares, que sejam simultaneamente protagonistas e/ou coadjuvantes.

Deste modo, como podemos interpretar o evento que culminou no hediondo assassinato de Hipácia?

Ora, se imaginarmos que a cidade de Alexandria no século V estava às voltas com três tradições culturais cujas comunidades se apresentavam em afirmação de suas identidades, então é razoável supor que houvesse um claro conflito entre uma cultura pagã de origem grega, com uma comunidade judia, e com uma comunidade cristã em afirmação de sua fé.

Neste contexto, Hipácia, uma mulher sábia, astrônoma, matemática e extremamente bela, era a própria expressão de uma afirmação em alto estilo da cultura grega na qual a Paideia (educação integral e possivelmente pouco definível à luz de referenciais teóricos hodiernos e fragmentados) e a Parrésia (franqueza no falar, argumentar com base na verdade e não com base no mero e ridículo convencimento retórico) e que deveria ser destruída pelos seus algozes. Se

para o cristianismo, a salvação da alma era a meta mais importante a ser alcançada, tudo o que não fosse circunscrito a esse objetivo não deveria ser algo a ser preservado. Neste contexto, o assassinato de Hipácia, tão bem descrito no livro de Silvia Ronchey, pode ser explicado como um conflito entre culturas em prol da hegemonia cultural cristã. Lembremos que a comunidade judia também era algo de perseguições. Além disso, e não de somenos importância, está a recomendação explicitada na carta de São Paulo aos Coríntios para que as mulheres ficassem caladas nas assembleias e caso tivessem alguma dúvida sobre algum ponto que então perguntassem em particular aos seus respectivos maridos, pois cabiam a esses os devidos esclarecimentos. Esta obrigação imposta às mulheres para que permanecessem caladas é parte constitutiva de manutenção de um poder masculino e também de uma manutenção de *status quo* sobre o qual o cristianismo iria se desenvolver. Violar esse status quo seria perigoso e caberia, em linha de princípio, uma punição exemplar para que ousasse violar essa recomendação. Para uma análise circunstanciada, ver (PEREIRA SEIXAS, LEOPARDI GONÇALVES, BASTOS FILHO, 2020)

Uma explicação apenas baseada em conflito cultural, não necessariamente daria conta do fenômeno, pois se Hipácia fosse um homem o conflito estaria explicado da mesma maneira, razão pela qual haveremos de refinar a nossa análise se o que quisermos é a compreensão das causas da misoginia cultural e histórica. Hipácia foi de fato uma mulher e essa circunstância somente pode ajudar à compreensão do fenômeno se considerarmos que ser mulher constitui-se em um **elemento agravante do conflito**. Uma explicação de lavra psicológica que possa representar a “ofensa” da beleza feminina em relação àqueles oponentes que procuravam a hegemonia, não deixa de ser, a nosso ver, uma explicação relevante, pelo menos como coadjuvante de uma explicação possivelmente mais abrangente. No artigo citado (Pereira Seixas et al., 2020) é analisada a expressão *elegante insolência* no contexto de quatro grandes ideias gregas.

Historicamente o ódio às mulheres continuou na Idade Média europeia o que claramente mostra o fenômeno da *caça às bruxas*.

Tomemos agora o caso de Lima Barreto e de sua correspondência com duas escritoras feministas da primeira metade do século XX, Albertina Berta e Gilka Machado. Este exemplo nos parece por si só bastante expressivo na medida em que expõe dois preconceitos ao mesmo tempo: (a) em primeiro lugar, o que acarreta uma série de obstáculos de afirmação de um valor literário masculino representado por um homem negro no contexto de uma sociedade dominante branca, ou pelo menos afirmando-se como tal ao tentar esconder programaticamente eventuais misturas raciais, sociedade essa predominante pautada por critérios eurocêntricos; e, (b) por

outro lado, a apreciação desse mesmo escritor acerca do trabalho literário de duas mulheres escritoras feministas.

É possível depreender acerca do que refletimos na seção 3 a partir da pesquisa de Beatriz Resende, contida em livro prefaciado por Lilia Moritz Schwarcz, que Lima Barreto considerava a afirmação e a ascensão de alguém não branco em uma sociedade pautada precipuamente por valores eurocêntricos como algo mais relevante na comparação com os problemas acarretados pela diferença de gêneros.

Tanto é que ele vai considerar os problemas existenciais, digamos assim, de uma mulher branca e bem situada como apenas “... *um poema de mulher, de senhora, pouco conhecedora da vida total, dos altos e baixos dela, da variedade de suas dores e das suas injustiças.*”

Em relação ao livro de Gilka Machado, Beatriz Resende considera que o parecer de Lima Barreto foi mais simpático que aquele em relação a Albertina Berta e não tanto por Gilka ser mulher e sim por ser uma mulher não branca.

Passemos agora para outro exemplo por nós escolhido.

Vejamos agora o que podemos depreender a partir dos depoimentos de uma filósofa profissional da segunda metade do século XX atuando em importante universidade pública do Brasil, tanto bem sucedida quanto bastante festejada e prestigiada: a Profa. Marilena Chauí.

Ora, os obstáculos com os quais ela se deparou concretamente existiam e, de fato, ainda existem, pois no imaginário das pessoas o perfil de um filósofo (quase não se fala acerca do perfil de uma filósofa) é o de alguém do sexo masculino, exibindo idiosincrasias profundas e centrado em si e raramente tais atributos, a despeito de seu caráter mitológico e estigmático, são pensados como que deversem igualmente estar presentes em uma mulher.

Em que pese Marilena ter enfrentado estigmas como o das *violetinhas à procura de maridos*, o perigo da gravidez que poderia vir a se constituir em empecilho, senão à capacidade de reflexão, talvez a uma situação impeditiva para o necessário empenho na criação dos filhos e que, assim, esse obstáculo viesse a inviabilizar o exercício pleno da profissão, podemos perfeitamente concluir, a partir de seu relato, que esses reais e/ou eventuais obstáculos não foram intransponíveis.

Em suma, apesar dos estigmas e dos preconceitos, Chauí pôde exercer a pleno título o seu potencial intelectual tanto no Brasil quanto no exterior a ponto de ter sido reconhecida com a distinção de um título de grande relevância como o de Professora Honoris Causa de uma importante universidade europeia.

Muito diferente foi a situação enfrentada por Emmy Nöther que embora sendo reconhecida quanto aos seus atributos intelectuais, o sistema era tal que ela, apenas por este fato,

não deveria receber salário. Somos levados à conclusão de que o mérito não era questionado e que duas condições se faziam necessárias para um professor receber salário em uma universidade alemã: em primeiro lugar, essa pessoa deveria ser do sexo masculino e, em adição a esse pré-requisito, que deveria exibir mérito acadêmico para tal. Desde modo, se a segunda condição fosse preenchida, mas não a primeira, então que fosse tolerada a sua atividade, desde que essa pessoa não viesse a receber salário.

Embora hoje em dia tal situação não mais perdure, na medida em que mulheres já são admitidas em universidades alemãs como professoras que recebem salários, e que isso também se verifica em outras universidades europeias e sul-americanas como as universidades públicas brasileiras, por exemplo, é notório que tudo isso esteja em franca evolução. Contudo, ainda persiste a imperiosa necessidade de aprofundamento da superação das desigualdades entre gêneros, pois o tratamento isonômico a homens e a mulheres é um requisito de justiça, cidadania e de dignidade humana.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS A TÍTULO DE CONCLUSÃO

O objetivo precípua do presente trabalho foi o de contribuir para desconstruir o mito perverso segundo o qual a mulher não teria vocação para a atividade científica. Reputamos este nosso objetivo como muito importante, pois a continuidade dessa opressão baseada em estigmas arbitrários e falsos, ainda que seja perpetuada em formas supostamente mais suaves de preconceito, ainda assim, continuaria a se constituir em algo de alta gravidade na medida em que qualquer que seja o preconceito nunca é a rigor algo suave, principalmente por ser necessariamente baseado em uma injustiça.

Uma injustiça do gênero é gravíssima na medida em que também contribui negativamente para obstaculizar as afirmações intelectuais, política e de anseios pessoais de mais de 50% das pessoas que, em princípio, podem vir a abraçar a carreira científica, mas também podemos generalizar esse argumento para qualquer outra escolha de profissão marcada por estigmas e obstáculos similares.

Por ser um mito que contribui muito negativamente para obstaculizar potencialidades humanas, então o seu combate revela-se de importância decisiva tanto no que concerne à educação científica bem como nas corretas avaliações tanto histórico-sociológicas quanto ainda daquelas de teor epistemológico acerca da própria natureza da ciência.

Trouxemos à baila aqui quatro exemplos em épocas e contextos distintos que embora apresentem paralelos e possíveis identidades devem, a nosso ver, ser analisadas com cuidado conceitual o que nos impõe a necessidade de sempre nos colocarmos atentos a eventuais perigos

de considerações anacrônicas, como conceitos e referenciais teóricos que foram gestados em épocas históricas em relação aos exemplos escolhidos para as nossas considerações.

O nosso discurso aqui opta por duas cientistas, Hipácia (c. 351/370 - 415). e Emmy Nöther (1882-1935), uma assassinada na segunda década do século V e outra nascida em finais do século XIX e falecida na quarta década do século XX. A primeira, de extraordinário valor a ponto de passados um milênio e meio ainda é objeto de análise e que, no meio de seu brilhantismo, sucumbe a uma terrível tragédia e a segunda, embora bem sucedida, brilhante e festejada, não deixou de sofrer preconceito e sérias dificuldades na carreira ao não receber salários tendo isso se dado principalmente por ter nascido mulher.

Analizamos ainda o caso de duas escritoras feministas da primeira metade do século XX no Brasil no contexto da correspondência entre essas e um grande escritor negro, situação em que podemos depreender o contraponto entre o preconceito racial e o preconceito de gênero.

Analizamos os relatos da Profa. Marilena Chauí, uma filósofa bem sucedida e festejada pela sua excelência, mas que, ainda assim, não deixa de revelar como sofreu traços claros de misoginia em situações episódicas de sua vida.

O problema da afirmação integral da mulher, não é um problema apenas circunscrito às mulheres. Qualquer marginalização, por si tratar de uma injustiça, constitui-se em um problema que diz respeito a todos, sem exceção, se o que quisermos é uma sociedade, justa, fraterna, solidária e criativa.

REFERÊNCIAS

AREAS, Roberta; BARBOSA, Márcia; SANTANA, Ademir, *Teorema de Emmy Nöther, 100 Anos: Alegoria da Misoginia em Ciência*, **Rev. Bras. Fis.** Vol. 41, nº 4, 2019, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2019-0017>

BAGGIO SAITOVITCH, Elisa Maria; ZUKANOVICH FUNCHAL, Renata; BERNARDES BARBOSA, Márcia Cristina; RUBIM DE PINHO, Suani Tavares; EUGÊNIO DE SANTANA, Ademir (Orgs.). **Mulheres na Física: casos históricos, panoramas e perspectivas**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Primeira Epístola aos Coríntios**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 2147-2172.

BRASIL. Lei Maria da Penha (o primeiro link é a da lei original e o segundo link remete para alterações em relação à lei original)

<https://www.institutomariadapenha.org.br/assets/downloads/lei-11340-2006-lei-maria-da-penha.pdf>

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.022-de-7-de-julho-de-2020-265632900>

CHAUÍ M., **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**, Homero Santiago (Org.), Belo Horizonte: Autêntica Editora - Escritos de Marilena Chauí-, Vol. 6, 2018

FOUCAULT M., **O significado da palavra Parrhesia**, Prometeus, Filosofia em Revista, Universidade Federal de Sergipe, ano 6, n. 13, edição especial, 2013

JAEGER, W. **Paideia: los ideales de la cultura griega**. México: Fondo de Cultura Económica [tradução do espanhol do original em alemão **Paideia, die Formung des grieschischen Menschen**, 1957]

JEANS, J. Historia de la Física, Mexico, Buenos Aires, Fondo Cultura Económica, 1953.

PEREIRA SEIXAS, Maria Cristinne, **Mulheres na Ciência: Os livros didáticos da Física contemplam o papel da mulher na ciência?** TCC apresentado ao Instituto de Física da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil, 2018

PEREIRA SEIXAS, Maria Cristinne; LEOPARDI GONÇALVES, Maria das Graças; BASTOS FILHO, Jenner Barretto. *O Caso Hipácia: (Re) interpretação à Luz de Quatro Grandes Ideias Gregas*, **Vitruvian Cogitationes**, v. 1, n^o 1, p. 99-115, 2020. Disponível em: https://rvc.inovando.online/uploads/artigos/99-115-artigo-ufal-ok_arquivo7_10029506.pdf

RESENDE, B. (Org.) **Lima Barreto. Impressões de leitura e outros textos críticos**, organização e introdução de Beatriz Resende, São Paulo: Companhia das Letras, 1^a edição, 2017

RIBEIRO FILHO, A. **Emmy Nöther, a cientista que o mundo não poderá esquecer, e a física-matemática** In: BAGGIO SAITOVITCH, Elisa Maria; ZUKANOVICH FUNCHAL, Renata; BERNARDES BARBOSA, Márcia Cristina; RUBIM DE PINHO, Suani Tavares; EUGÊNIO DE SANTANA, Ademir (Orgs.). **Mulheres na Física: casos históricos, panoramas e perspectivas**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015, p. 31

RONCHEY, S. **Ipazia: La Vera Storia**, Milão: RCS Libri S. p. A, Rizzoli,